

FILM NOIR | em Agosto

Auditório Costa da Caparica



18 Agosto, 21:30

A SEDE DO MAL (Touch of Evil)

de Orson Welles, c/ Charlton Heston, Janet Leight, Orson Welles e Marlene Dietrich
P/B, 107', Universal, EUA, 1958

Seja qual for a lista, o Citizen Kane (O Mundo a Seus Pés, 1941) aparece sempre em primeiro lugar como sendo, senão o melhor, pelo menos o filme mais influente de sempre. O que não deixa de ser espantoso, sobretudo se tivermos em conta que, tirando uma curtazita em 1934, foi mesmo o primeiro de Welles. Não tendo uma história de policial negro a sustentá-lo, a maioria dos críticos não desdenharia da sua classificação como film noir. Bom, se levarmos a peito um recitadíssimo artigo de Paul Schrader (Notes On Film Noir, Filmex, 1971), o noir não é um género, mas um movimento politicamente engajado. Permissa que sairá reforçada se atentarmos que não haverá autor de noir que não tenha tido os seus acaques com a Comissão de Actividades Anti-Americanas, vulgo caça às bruxas.

Bruxa nem tanto, mas Welles era seguramente um aprendiz de feiticeiro quando, ainda um ilustre desconhecido, encenou para a rádio, em 1938, o romance de H. G. Wells, A Guerra dos Mundos. Que uma peça radiofónica, que se socorria do ruído de uma tampa a desenroscar dentro de uma sanita para simular a chegada de uma nave alienígena, tenha conseguido pôr um milhão de labregos a fugir, não do grande perigo vermelho, mas de uns mionorcas invasores verdes, explica a brusca fama do jovem e atrevido Welles.

Seja como for, se o Citizen Kane apenas se fica pelo mood do noir (para além dos revolucionários planos em contra-picado que, ainda hoje, fazem as delícias de cineastas e publicitários), uma boa parte da ficção de Welles, senão mesmo a melhor, é feita de film noir puro, seja no ambiente, no enredo, ou nas personagens: A Jornada do Medo (1943), O Estrangeiro (1946), A Dama de Shangai (1947) e, até mesmo, O Processo (1962). Talvez tenha sido por causa destes filmes que Schrader formulou aquele conceito de movimento, em vez de género, mesmo em cima do reaparecimento do noir. Convém lembrar que Schader não era parte desinteressada neste renascimento. Para além de argumentista de Yakuza (Sydney Pollack, 1974) e Taxi Driver (Martin Scorsese, 1976), escreveu e dirigiu o belo exemplar de neo noir que é o American Gigolo (1980).

Teorias à parte, Touch of Evil é, para muito boa gente que tem a mania de fazer as suas próprias listas, o melhor filme de Orson Welles. Atentem no espantoso plano sequência com mais de três minutos logo no início. Atentem no decadente e corrupto e racista polícia encarnado por Orson Welles (isto em 1958, muito antes da moda dos direitos cívicos dos anos 60). E, sobretudo, atentem bem numa deixa da velha puta Marlene Dietrich, dirigida a esse velho polícia que ela, contra todas as convenções (de esquerda ou de direita), não consegue deixar de amar: Your future is all used up.